

BRASIL - PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1906

N.º 171

Congresso de Medicina



Edifício da Nova Escola Médica de Lisboa, onde se realizarão as sessões do próximo congresso de medicina
A estatua do dr. Sousa Martins

Theophilo Braga

Vem hoje o *Brasil-Portugal* juntar a sua homenagem modesta a tantas de que tem sido alvo, por entrar no 63.º anniversario da sua vida, o glorioso professor e publicista dr. Theophilo Braga. O preito d'este jornal constitue para os seus directores um jubilo e um dever, porque mais de uma vez a penna erudita e fecunda do grande escriptor tem honrado estas paginas.

Commissões de estudantes do curso superior de lettras, de homens de lettras e jornalistas, depois de celebrarem sessões em que foram exaltados os trabalhos do primeiro sementeiro de idéas em todos os tempos no nosso paiz, como já com justiça lhe chamaram, foram em romaria a casa de Theophilo Braga entregar-lhe mensagens de felicitações



Theophilo Braga

pelo seu anniversario, nas quaes eram postos em relevo o inequalavel valor da sua obra e os serviços por elle prestados á mentalidade portugueza.

Theophilo Braga fez n'essa occasião uma verdadeira proleção aos apresentantes das homenagens, sobre a significação que ellas tinham, attingindo assim a fórma do reconhecimento, que muito o penhorava e commovia.

E tanto, com effeito, o commoveram que, ao dizer estas palavras e ao abraçar Magalhães Lima, presidente de uma das commissões, deram lagrimas, emocionado.

Ora todas estas manifestações não são mais do que os preliminares d'essa apothose civica de que Theophilo Braga vai ser alvo em 1908. N'essa data, que ficará historica, vão os seus admiradores, amigos e discipulos, celebrar os 50 annos de vida litteraria de Theophilo. São, por assim dizer, as bodas de ouro da sua prodigiosa mentalidade. Com effeito, sem um momento de repouso, sem um signal de cansaço ou de frouxidão, combatendo sempre pelos seus ideaes, espalhando sempre, com desinteresse, n'um altruismo que é um asombro para o nosso tempo egoista, as suas idéas, os seus ensinamentos, quer na sua cathedra de professor, quer na sua cadeira de conferente, pelos livros, pelos jornaes, pelas revistas, em Portugal e fóra d'elle, esse cerebro privilegiado está ha 50 annos a desentranhar-se em luz, a espalhar clarões de idéas por todas as classes sociaes: devendo a isto accrescentar-se que é na fórma de combate, a que mais deveria caçar, na fórma revolucionaria, que Theophilo Braga espalha incessantemente as suas doutrinas. E' assim que elle tem evoluído a litteratura portugueza, desde que aos 16 annos começou, em livros diversos, a apresentar a poesia philosophica que vinha estabelecer uma innovação n'este genero litterario, em que deixa modelos tão valiosos como esses volumes que se chamam as *Tempestades Sonoras*, a *Visão dos Tempos*, a *Ordina do Lago* e muitos outros; que depois, estudante ainda de direito, se poz á frente d'essa campanha litteraria conhecida pelo nome de *Bom senso e do bom gosto*, e d'ahi em diante, em seguida ao seu doutoramento, toda essa prodigiosa obra evolucionaria que está em mais de cem livros, em milhares de publicações, em milhares de conferencias publicas, sempre combatendo, sempre evoluído, procurando sempre demolir e edificar, através de todas as fases da vida, incluindo aquelle periodo tragico em que no espaço de poucos dias perdeu dois filhos queridos!

Esta obra é tão grande e colossal que, expurgada de todos os seus defeitos, eliminando se d'ella tudo o que possa representar uma paixão pessoal, ou menos justa, fica ainda tão vasta, que resiste a todos os

confrontos, que não tem *simile* na litteratura portugueza, tal o manancial dos factos, tal a abundancia das idéas, tal a generalisação das leis historicas que o forte cerebro do pensador em um momento abrange. E' este poderoso exemplo de mentalidade que levanta uma raça e que nobilita a especie, que Portugal pretende celebrar d'aqui a dois annos.

Não será, decerto, essa glorificação unisona, absoluta, porque Theophilo é um combatente, e tem feito muito saugue. Não farão parte dos glorificadores os que têm sido feridos pela lamina d'aço da sua critica por vezes acerba e violenta. Mas se fosse possível abstrair d'essas manifestações o que pertence á paixão humana, nem um portuguez, que se prezasse de o ser, deixaria de tomar parte na glorificação civica d'este homem, que é uma gloria de Portugal e um dos modelos primaciaes da humanidade, porque na sua vida já longa, já adeantada, elle é uma synthese, completa e formosa, do talento, do trabalho e do caracter.

Theophilo Braga

(A proposito do seu 63.º anniversario, no dia 24 de fevereiro)

Meu antigo amigo.

Não é missão facil escrever d'este homem, depois do que ha dito ácerca d'elle em livros, opusculos e jornaes. Elle está na brecha, desde o apparecimento da *Visão dos tempos*, a ser aggreído, frechado, acutilado, ha 43 annos, mas defendendo-se com tal galhardia, que o pequeno grupo de combatentes que o acompanhou em começo, hoje é legião, que voluntariamente se foi para elle, na arte, na politica e na philosophia. Em qualquer d'estes sentidos elle actualmente é um porta-estandarte. Embora não se accete o lemma que lá se vê inscripto, todos o reconhecem.

E que não fosse difficil a missão, eu não accederia ao seu honroso convite de *pregar* d'elle no *te-deum* do dia dos seus annos. Nunca vi que a tão levantado encargo fosse chamado o sachristão, e eu, no templo das lettras, não passarei já agora de *escorropicha-galhetas*.

Sou um antigo apreciador da sua tenacidade no trabalho e da energia e isenção do seu ser moral, exemplo a nós todos; e tão antigo sou, que fui um dos que o aplaudiram no já celebre concurso de 1872.

Posso falar gloriosamente d'essa *jornada*, como aquelles outros que defenderam Victor Hugo contra os classicos, nas noites do Hernani.

Lá fui ouvir esse concurso, em companhia de Antonio Ennes, já então o segundo diplomado do curso superior de lettras, (o primeiro fóra um indio de nome Diniz). Deixei-me porem dizer-lhe, que a minha parte na ovação a Theophilo, quando terminou a defesa da sua these — *Theoria da historia da litteratura portugueza* — não foi impulsionada pelo juizo proprio de que me achasse habilitado a ter opinão na controversia litteraria travada entre Theophilo e P. Chagas, este com a sua these — *Desenvolvimento da litteratura portugueza* —; a minha parte pessoal na manifestação ruidosa da assembleia, foi, como a d'outros mais, de protesto contra o proposito oficial, antecipado, e conhecido de todos, de não se dar entrada ao primeiro d'aquelles dois, no corpo docente d'aquelle estabelecimento de educação intellectual. Quanto á apreciação do merito relativo dos contendores (e mais do terceiro, Luciano Cordeiro) preferia ouvir discorrer o meu companheiro e amigo Ennes.

Depois de Theophilo instalado na sua cadeira conquistada, frequentei como voluntario as suas lições, quando os meus deveres do serviço militar o permitiam, e é d'então que o novo professor começou a sentir certa amizade ao alferes de caçadores 2 que vinha do quartel do Valle do Poreiro ouvir-o, podendo muito bem ir se a *chiarar*, ou a encostar-se nos humbraes da Havanaeza.

Essa amizade ainda hoje se mantem, com grande satisfação minha, mas sem prejudicar o seu respeito militar para comigo.

Efectivamente o dr. Theophilo, quando me encontra, exclama sempre:

— «Oh meu general...»

Ainda, por occasião do festival setubalense, no centenario de Bocage, Theophilo, ao apaar se na estação do caminho de ferro, viu-me entre as varias pessoas que foram esperal-o, e lá exclamou:

— Olha o meu general!...

Um sujeito que estava junto de mim, que nunca o vira e mal sabia o que elle é cá n'este mundo, perguntou-me a meia voz:

— Elle é militar?

— E' (respondi-lhe no mesmo tom), mas não quer que se saiba.

Não escreverei d'elle, disse já ao meu velho amigo; todavia, pela sympathia que me merece a sua boa intenção, envio-lhe para a sua Revista dois trechos, que apreciará e receberá como entender.

E' o primeiro uma carta do proprio dr. Theophilo Braga.

Ha 23 annos, no dia do seu quadragessimo anniversario natalicio, o illustre michaelense recebia uma mensagem de felicitação collectiva dos estudantes do lyceu de Ponta Delgada, o mesmo lyceu em que elle fizera os seus estudos preparatorios. Agradeceu em carta de seu punho, que foi distribuida por todos os estudantes em *fac-simile*, executado n'uma lithographia d'aquella cidade. E' um exemplar d'estes, que empresto ao meu amigo. Creio que este documento pessoal, talvez já algo apagado na memoria do seu signatario, mas que marca uma *étape* na sua vida, lhe será recordação agradável. Embora seja tempo que já não volta...

O outro trecho é do dr. Aristides da Motta, professor n'aquelle lyceu, advogado, michaelense como Theophilo, e que pela sua superioridade mental deixou renome na universidade e tem sido chamado aos mais altos cargos politicos e administrativos pelos seus concidadãos. D'este meu carissimo amigo recebi no ultimo paquete, um livro de escriptos varios seus, dispersos em jornaes, e é d'um d'esses que recorto dois outros periodos, ácerca do seu conterraneo que elle mais alto classifica, notando-se bem que Aristides é convictamente um democrata, mas filiado na politica monarchica. Segue a carta:

Ex.^{mo} amigo e patricio

Nenhuma palavra me poderiam tocar mais profundamente do que essas ingenuas phrases que os estudantes do Lyceu de Ponta Delgada me dirigiram congratulando-se commigo no dia do meu quadragesimo anniversario. Não é tanto pelas palavras de glorificação, que accetto com reservas, mas pelo acto espontaneo em si, que nasceu d'aquella solidariedade moral que me ligou a esse estabelecimento de instrução, e de que a rica geração escolhar teve a intuição delicada recordando-me a nossa commum affinidade espirital. Sou inteiramente filho do Lyceu de Ponta Delgada; nas minhas agruras domesticas, sem a affectividade maternal, refugiara-me n'esse meio activo, ahí respirei livremente, desanuciando a alma na boa confraternidade d'aquellas impercíveis amizades que só se contraem no banco da escola. Todos os planos de trabalho que tenho realisado, todos os pensamentos que tem sido o moel das minhas acções, nasceram, desabrocharam, formaram-se em germens latentes, n'esse periodo de juvenitidade, de ruído franco e alegre d'esse vaivem das aulas do Lyceu michaelense. E' por isso que a felicitação d'esta nova camada escolhar me lense. E' por isso que a felicitação d'esta nova camada escolhar me lense. E' por isso que a felicitação d'esta nova camada escolhar me lense.

Dirigindo-me ao primeiro signatario da felicitação, encio-lhe um apertado abraço, como a todos os outros bons amigos que authenticam com o seu nome essa alta expressão de uma adhesão sympathica pelas ideias que sirvo.

Lisboa, 4 de março de 1882.

Patricio, amigo e antigo condiscipulo

THEOPHILO BRAGA.

Trechos de Aristides da Motta:

«Os Açores podem justamente orgulhar-se de terem sido berço de altas individualidades que occupam logares distinctos em todas as espheras da actividade humana, politica, litteraria, scientifica, no parlamento, no jornalismo, no professorado, etc.

«Acima de todos avulta, sem questão, entre os vivos, e nenhum dos mortos lhe fica em plano superior, o dr. Theophilo Braga.»

Segue a noticia da obra geral de Theophilo, categorizada em actividade artistica, scientifica e philosophica, distribuido por ellas as respectivas produções. Depois do que, prosegue:

«Esta curtissima enumeração deixa ver o trabalho prodigioso do nosso illustre patricio. Poucas são as manifestações da vida social, que o seu espirito, dotado de facultades eminentes, não tenha tomado para thema dos seus estudos, alguns d'elles a primeira vez feitos em Portugal.

Uma das qualidades mais salientes do caracter do sr. Theophilo Braga é a força de iniciativa. A par d'ella uma erudição espantosa, mas não impeditiva de concepções geraes e de emoções estheticas. A sua expressão artistica em poesia é muitas vezes impecavel.

Por fim, a personalidade complexa do sr. Theophilo Braga é um grande exemplo do que póde o talento servido por uma vontade energica e inquebrantavel, abrindo caminhos novos ao pensamento, lutando com preconceitos sociaes, fazendo a sua brilhante carreira atravez de difficuldades de toda a natureza.

A sua biographia é sob este ponto de vista muito instructiva. Desde que o nosso collega, o distincto jornalista, Francisco Maria Supico, apresentou Theophilo Braga ao publico, no prologo das *Folhas Verdes*, escrevendo — «os que ainda as acharem extemporaneas, e continuarem a aconselhar-te o estudo, saibam que te não negas a elle; que amas o saber como o naufrago a praia salvadora; mas saibam igualmente que a maior parte das vezes nem penna, nem tinta, nem papel tens para dar forma a esses pensamentos mais ou menos sasonados, em cuja concepção gastas o tempo em que podias vadear; — desde então até hoje, quantas contrariedades, quantas amarguras!

O seu pensamento independente nunca se amoldou a transigencias, nunca vacillou, nunca hesitou em manifestar-se, embora ferisse individualidades e instituições, em seu criterio condemnaveis, as quaes, naturalmente, contra elle se levantaram cheias de odio, querendo inutilisá-lo, esmagal-o, tentando até privá-lo dos meios de subsistencia. Perante nada e ninguém se intibou, a tudo e a todos venceu, não como um luctador que se propõe ás honras triumphaes, mas como um homem de bem que reivindica o direito de viver na modestia da verdade, no culto da sciencia.»

ARISTIDES DA MOTTA

Aproximadamente como Bocage, elle pode dizer: «vate nasci». Aos 13 e 14 annos versava em uma revista litteraria de nome «Santelmo», e essas concepções poeticas reunidas é que são o seu primeiro livro; *Folhas verdes (versos dos 15 annos)*. Elle proprio é que tambem as compunha typographicamente (afirmou-me Supico), para assim se distrair longe dos *oxrinhos* da madrasta.

Mas, o seu professor de francez tambem fazia versos (poesia é que nunca), e esse homem, João Hermeto, da ilha Graciosa e que eu

ainda conheci, não podia conformar-se com a concorrência, gloriosa e crescente, do seu discipulo.

Se dissessem que o rapazote sabia melhor tudo o que elle ensinava e tinha por ensinar, vá, daria isso de barato; mas que os seus versos eram superiores em idealisação e versificação aos do mestre, isso... nunca na vida

Que fazer? Como tirar a desforra d'este conceito publico, evidentemente suggerido pela sympathia para com o talentoso moço, futura gloria da ilha?

Acho: preparar-lhe um *estenderete* raso na aula.

Dito e feito.

João Hermeto chama á lição o rival; dispara-lhe uma perguntinha d'algebeira, uma gramatiquice d'alta transcendencia que a maioria dos francezes não conhece; o discipulo vacilla na resposta; elle procura enleá-lo com rabulices de gramaticão; o rival enfim cede, *estende-se*.

Eil'o ali, frente a frente, derrotado, vencido, estatelado.

João Hermeto, radiante como quem saboreia a gloria, aproveita o lance para dar o golpe de morte na reputação do rival.

— «Vê? E' o que eu tenho dito a seu respeito: O senhor não é o talento que se julga por ahí. Digo mais: nem nunca hade ser coisa alguma.

— Será assim (retorquiu Theophilo); mas parece-me que V. S. S. perdeu o faro.

HENRIQUE DAS NEVES

Os persas assignalavam uma pedra preciosa a cada mez do anno: Janeiro — Grana'la ou jacintho, significa fidelidade em toda a casta de obrigações.

Fevereiro — Amethysta: preservativo contra as paixões violentas, e socego de espirito.

Março — Sanguina: valor e prudencia nos casos difficéis.

Abril — Saphira ou diamante: innocencia, lealdade de caracter, modestia e caridade.

Maió — Esmeralda: symbolisa a verdade, e ventura no amor e na amizade.

Junho — Agatha: saude e vida prolongada.

Julho — Rubi: esquecimento ou isenção dos desgostos do amor.

Agosto — Sardonia: felicidade conjugal.

Setembro — Crysolitho: preservativo contra as doenças, paixões ruins e melancolia.

Outubro — Opala, ou agua marinha: esperança depois da desgraça.

Novembro — Topazio: amizade e fidelidade.

Dezembro — Turqueza: pro-peridade no amor e nos empreendimentos.



Forte do Estoril

CHRONICA

A catastrophe do «Aquidaban» — Exequias em Lisboa



As marinhas portugueza e brasileira que, aliás, foram uma só até à independência do Brasil, estão, de novo, indissolvelmente ligadas desde os acontecimentos de 1893 e 1894, desde o acto de sereno e reflectido heroísmo praticado pelo almirante Castilho, e que é o unico, verdadeiramente grande dos ultimos annos de historia portugueza. Esse episodio de epopeia, levado a bom termo por meia duzia de homens dentro de dois calhambeques, suscitou, no momento, paixões nacionalistas que o tempo foi, pouco a pouco, amortecendo, e hoje podem julgar-se extintas. Das ruínas e dos odios d'essa lucta fratricida que, iniciada pela revolta de 6 de setembro, vac até ao suicidio de Saldanha da

Gama nas campinas do sul, restam apenas cinzas quasi apagadas, feridas quasi cicatrizadas, mais prantos de saudade do que imprecações de colera. Os protagonistas d'essa lucta em que tau'o heroísmo foi, de parte a parte, exhibido, morreram: morreu o impenetravel e irreductivel Floriano Peixoto; morreu o impetuoso Custodio de Mello; morreu Saldanha da Gama, essa nobre figura de soldado e cidadão, que á cultura de um sabio alliaa a alma de um romantico, a lealdade de um Bayard e o heroísmo desinteressado de um Nunalvares. Até os caudilhos de uma e outra parte morreram, e no solo ensanguentado pelas batalhas e pelas execuções dez vezes a semente entumecida germinou, creceu, floriu, fructificou, em varas que a brisa da tarde agita em ondulações doiradas.

Sobre esse generoso torrão bem fadado pela providencia uma republica nasceu, viril e forte, civil e ordeira, destinada a um futuro brilhante e a perpetuar no novo mundo a nossa lingua, formosa entre as formosas, o nosso passado historico, grande entre os maiores. O pae, já velhinho e esgotado por sete seculos de batalhar, revê-se enternecido no filho que além deixou para que a arvore gigante se perpetuasse por todos os seculos dos seculos. E o filho, por sua vez, recuperadas a calma e a reflexão, volta-se de novo para nós reconhecendo que o almirante portuguez, salvando, com risco da propria vida, alguns centenaes de brasileiros, prestou, acima de tudo, um relevante serviço ao Brasil, poupano á sua historia uma pagina dolorosa.

A marinha brasileira foi-nos, desde então, profundamente grata. Em todos os officiaes e marinheiros d'essa brilhante corporação, cujas tradições de bravura estão escriptas com sangue na historia brasileira, perdura a recordação do momento angustioso em que, unidas n'uma immensa dôr, elles e os nossos se abraçaram por cima das amuradas da *Mindello* e da *Affonso de Albuquerque*. Castilho passou a ter na alma de cada um d'esses bravos uma capellinha, sempre allumiada, onde todos os dias se lhe rezava e a Portugal. Esse culto, se era merecido, nem por isso deixava de lisongear immensamente o nosso orgulho. E' que n'esses homens havia sobreviventes de campanhas epicas, protagonistas de façanhas tão raras como a que a nossa historia tragico maritima rememora. E' que essa marinha brasileira, tão pouco conhecida em Portugal, é auctora de feitos, que mais parecem obra da phantasia e da lenda.

Essa guerra do Paraguay, cujas difficuldades mal comprehendem quem não viu, de perto, a Vendêa americana; essa guerra de ciladas e emboscadas em que um inimigo, sempre invisivel, dizima um adversario vinte vezes superior em força; essa guerra das mattas, das sebes e das florestas, essa reprodução, em grande, da *chouannerie* bretã, immortalizou a marinha brasileira. O que esta padecceu, lutou e venceu, daria um grosso volume de *factos*, absolutamente notaveis. A passagem de Humaytá, o combate naval do Riachuelo são poemas de incrível bravura, documentos de uma coragem que vac até á temeridade e á loucura. E' a resistencia dentro de uma cratera, é a serenidade dentro de trombas de fogo, é a manobra dentro de toneladas de metralha. E os novos valem os velhos; os velhos

valem os novos. Creanças de vinte annos batem-se como leões; guardas-marinha commandam como almirantes; navios de madeira fazem da prôa ariete e atiram-se a couraçados. E' prodigioso de audacia, de desprezo pela morte, de abnegação patriótica. Nenhum combate naval da historia excede essas paginas rutilantes do livro de ouro da marinha brasileira.

A propria guerra civil de 1893-1894 abunda em episodios heroicos. Esse marinheiro que, em Villegaignon, sobe a pulso o mastro da bandeira para segurar-lhe a driça e ali fica, serenamente, exposto ao fogo infernal das fortalezas, alvo de cem mil tiros, é um caso de pasmar, é um exemplo de entontecer!

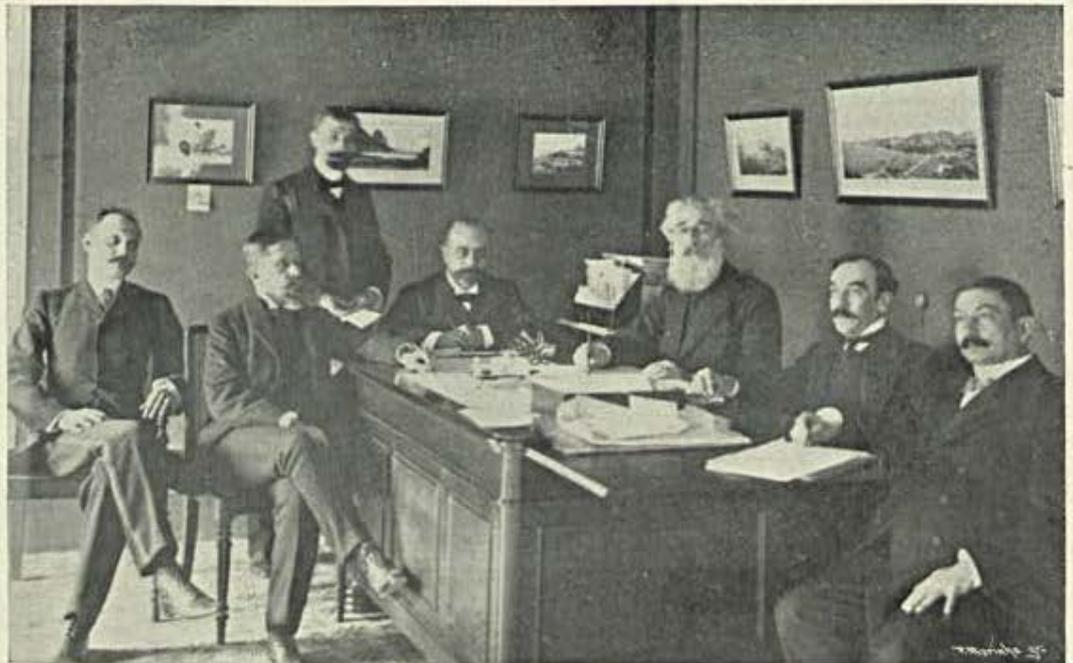
A recente visita da canhoneira *Patria* estreitara ainda, se é possível, os laços de confraternidade existentes entre as duas marinhas. Em todos os portos, os officiaes portuguezes receberam dos seus camaradas da armada brasileira os mais inequívocos testemunhos de estima, de carinho, de solidariedade. Phrases que não enganam, palavras que não mentem, actos sobre cuja sinceridade não pode haver duvida, traziam encantada a nossa maruja. Cada correio do Brasil nos trazia as impressões quentes e entusiasticas dos nossos meridionaes. «Vivemos n'um permanente sonho das mil e uma noites!» — diziam elles — «E isto promete continuar!»

Não se extrahes, pois, a intraduzivel dôr com que todos recebemos a noticia da tragica catastrophe do *Aquidaban*. Em todas as classes da sociedade portugueza, das mais altas ás mais humildes, o caso d'essa inesperada e medonha desgraça causou um grande aperto de coração. No dia em que a primeira nova do desastre surpreendeu a alegre e descuidada população de Lisboa, toda a gente andava triste, pezarosa, como se em vez de brasileiros fossem portuguezes o navio e a equipagem. E' que Portugal e Brasil são dois na politica e um no sentimento; é que os dois povos bem sabem que lhes cumpre salvaguardar, por igual, o prestigio de uma civilização commum.

CUNHA E COSTA.

Tiveram a maior imponencia as exequias celebradas em Lisboa por alma dos pobres marinheiros brasileiros victimas da terrivel catastrophe do *Aquidaban*. A' magestade do templo escolhido para a realização d'essa cerimonia, a vasta igreja de S. Domingos, que é dos mais bonitos da capital, juntou-se o concurso de todas as classes sociaes, n'uma manifestação grandiosa de sentimento pela grande dôr que hoje enluta tantas familias do Brasil.

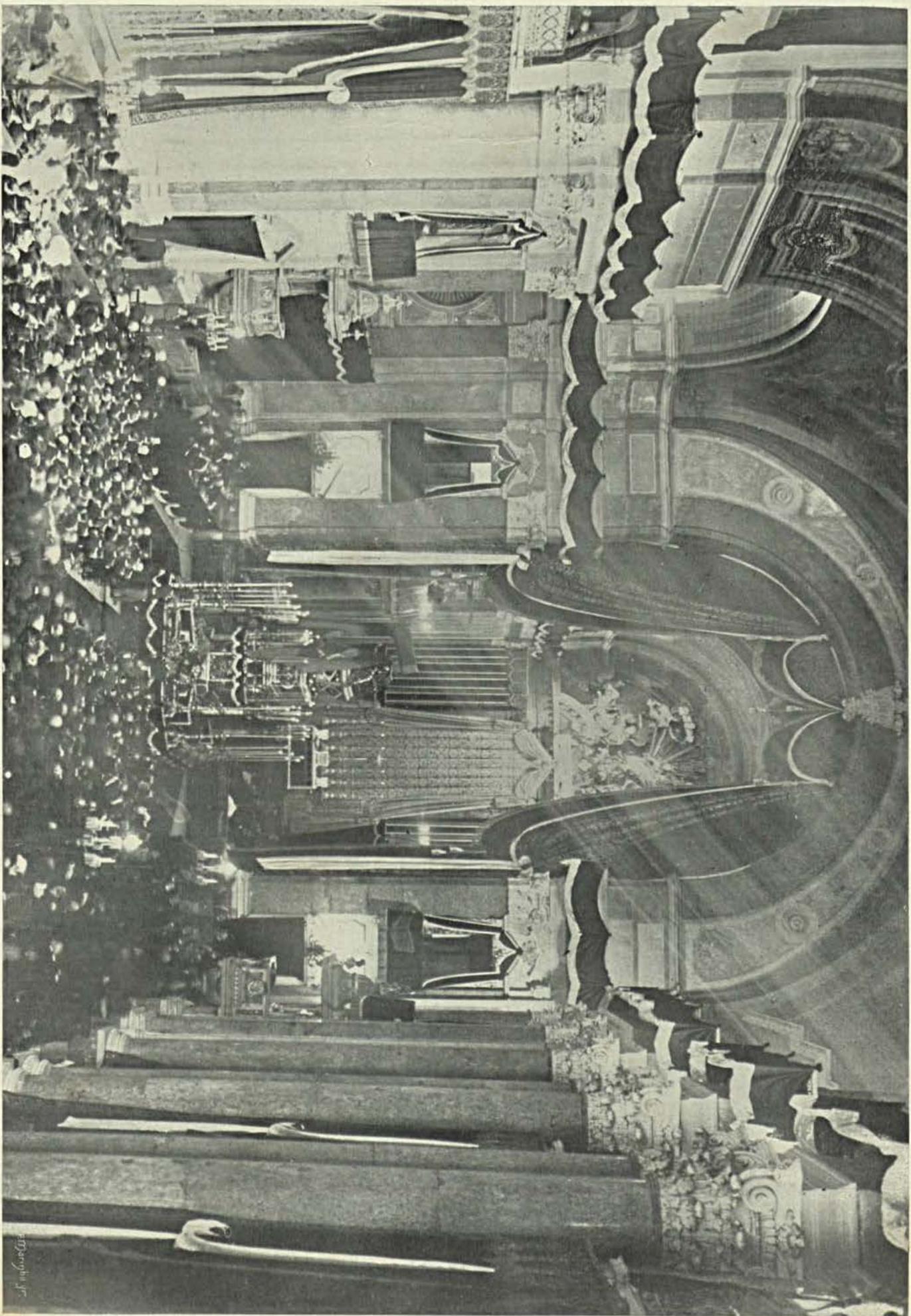
Ao illustre representante diplomatico da Republica americana do sul deve ter sido lisonjeiro o ver-se rodeado de tudo quanto Lisboa tem de mais distincto no mundo official, de todos os seus collegas diplomatas, dos representantes da imprensa sem distincção de partidos, e de quasi toda a colonia brasileira. Ao lado dos dignitarios da côrte que representam El-Rei, a Rainha e toda a familia real, encontrou o Sr. Dr. Alberto Fialho, n'essa cerimonia tão commovedoramente triste, os ministros, o Cardeal Patriarcha, o Presidente da Municipalidade, os mais altos homens politicos do nosso paiz, as individualidades mais salientes na litteratura, no jornalismo, na sciencia e na arte, e agrupadas em torno da sua gentilissima esposa viu algumas senhoras da nossa sociedade elegante que com a sua presença foram imprimir uma nota



Cliché Benoitel

Commissão promotora das exequias solennes na igreja de S. Domingos, em 23 de fevereiro

Da esquerda para a direita: — Dr. Manuel da Silva Pontes, consul geral do Brasil — Luiz Fernandes J. Brandão, vice-consul do Brasil — J. Nogueira Pinto — Barão de Marajó — dr. Alberto Fialho, ministro do Brasil — José Augusto Correia, secretario da commissão



(Othello Benoit)

EXEQUIAS NA EGREJA DE S. DOMINGOS. — O altar-mór. — O catafalco. — Durante a cerimonia, no dia 23 de fevereiro



Clóvis Benollet

Egreja de S. Domingos, antes das exequias

mais terna ainda no sentir geral da nação pelo luto do Brasil, nosso irmão.

O Cardeal Patriarcha de Lisboa assistiu á missa, no solio, e do lado da Epistola estavam o arcebispo de Metylene e o secretario do Patriarchado. O celebrante foi o prior da egreja o Rev. João Damasceno Fiadeiro e pregador o Rev. Antonio d'Almeida, muito conhecido dos leitores da *Brasil Portugal*, ao qual tem prestado collaboração litteraria muito distincta.

No fim da cerimonia e ao som da marcha funebre de Chopin, executada pela orchestra, o Patriarcha ricamente paramentado, dirigiu-se para o presbyterio, onde se sentou sobre um faldistorio coberto a roxo e ouro. Começou então o *Libera me*, espargindo e incensando Sua Eminencia o catafalco, que se erguia magestoso ao centro da egreja. De cada um dos lados, havia uma tribuna, para o corpo diplomatico a do lado do Evangelho, e para os Pares do Reino e deputados a do lado da Epistola.

Na capella-mór estavam os representantes das pessoas reais, os grandes da Corte, os Conselheiros de Estado, os Ministros effectivos e honorarios, o ministro do Brasil com todo o pessoal da legação e do consulado, governador civil, autoridades militares, e officinas generaes do exercito e da armada. Quasi todos trajavam uniformes o que dava ainda maior luzimento á cerimonia, á qual não faltavam nem os membros da colonia, nem os portuguezes mais intimamente ligados ao Brasil, quer por laços commerciaes, quer por laços jornalisticos. Havia deputações de sociedades, associações e collegios, e uma força de 60 praças do corpo de marilheiros com a respectiva banda formava, sob o comando de um 2º tenente, do lado esquerdo da egreja.

idolatrava os papagaios; mas um homem de talento em geral tem o cuidado de apegar se, á falta de gato, mono ou papagaio, a um homem tolo, a quem chama seu amigo

O amigo idiota não é incommodado nas suas relações. A sua principal qualidade boa é provar-nos a toda a hora, e mau grado



Padre Antonio de Almeida

O orador nas exequias

Diccionario da amizade

Que é um amigo?

Um amigo é uma creatura que tem todas as pretensões e todos os defeitos da mulher, sem possuir uma só das boas qualidades que a distinguem.

Não obstante isto, para ser justo e não desgostar ninguém da amizade, deve acrescentar que encontro bastantes pessoas por esse mundo que me apertam a mão. Viajei muito no país da amizade, sem plano estabelecido e demorando-me um pouco onde me pareceu. O país não me deixou as mais gratas recordações, devo confessar-o, mas como lhe conheço bem todas as veredas e encruzilhadas, sou um excellentes guia de viajantes. A'vante, pois, meus jovens companheiros.

O primeiro que encontramos é

O amigo tolo. — Esta classe é a mais procurada. Os homens de talento tem uma predilecção pronunciadissima pelos tolos. Adolpho Adam gostava de gatos, Decamps adorava os macacos, Mozart

nosso, que temos mais talento do que elle, o que nos lisongea o amor proprio. Em qualquer posição da vida que um homem esteja collocado, encontra sempre um amigo d'esta classe.

Um semelhante sujeito agarra-se a nós com a facilidade de um



Conde da Ribeira, representante da Rainha Senhora D. Amelia, nas exequias

ção: serve nos de moço de recados, para nos levar as cartas; carga com as culpas de todos os enganados em que porventura cahimos; livra-nos das pessoas que nos enfadão; podemos, em summa fazer d'elle quanto quizermos, excepto um amigo, porque não nos comprehenderá quando lhe falarmos dos pensamentos elevados que nos agitam e que estão fóra do alcance da sua intelligencia. Mudemos de direcção. Encontraremos.

O amigo protector. — Este simulará interessar-se por nós. A's vezes, quando está aborrecido e não sabe o que ha de fazer, se por acaso nos encontra na rua, dá nos o braço para que o acompanhemos, e jura-nos que o seu unico desejo é ser-nos util em alguma coisa.

Evidentemente, dir-me hão talvez, eis ahi está um verdadeiro amigo.

Pode ser.

O amigo protector não tardará em fazer-nos alguns insignificantes favores. Em compensação seremos para elle o

que o amigo tolo é para o homem de talento: o seu creado e o seu cão. Disporá do nosso tempo como e quando lhe apetezer. Em fim, por um pequeno favor que nos fez, exigir-nos ha cem, muito mais importantes, e como é o nosso protector teremos todo o cuidado em não lh'os recusar.

Do amigo protector dista apenas um passo:

O amigo desinteressado. — Peço licença para substituir a analyse por uma anedocta.

Um excellente rapaz a quem chamaremos Eduardo possuia a mais formosa collecção de armas que tenho conhecido. Alem d'isso tinha um amigo. Este amigo era medico.

Um dia, Eduardo caiu doente. O amigo tratou o e, oh! milagre! Eduardo ficou bom. Quando falou em pagar os cuidados que lhe tinham sido prodigalizados, o amigo medico recusou com indignação.

— Meu caro, não insulte a amizade offerecendo-me dinheiro.

— Pois bem, não falemos mais n'isso.

Chegou o dia de Anno Bom.

— Vou fazer uma surpresa áquelle excellente doutor, pensou Eduardo.

E tirando de um dos tropheus uma espada magnifica, mandou-a, com um bilhete, ao medico.

D'ali a quinze dias, ao passar ao pé de um bazar de armas, encontrou o amigo.

O doutor por aqui?

— Eu em pessoa.

— O que o trouxe cá?

— Ando á procura de uma espada que sirva de companheira á que me offereceu no dia de Anno Bom.

— Oh! Não ha de encontrar a facilmente.

— Receio isso.

No dia seguinte, Eduardo dependurou do tropheu outra espada, não menos esplendida que a primeira, e mandou-a ao medico.

Querem agora saber o desenlace da historia? Ao cabo de um anno, Eduardo, reconhecido ao amigo, não tinha uma unica arma e o medico estava de posse de uma riquissima collecção.

Um doente ordinario teria pago as quatorze visitas ao medico á razão de cinco francos cada uma, ou sejam setenta francos por todas.

A collecção de Eduardo valia uns oito ou dez mil francos.

Em resumo, se o leitor adoecer, não mande chamar amigos. Nada custa tão caro como uma consulta de graça.



Conde de Redondo, representante da Rainha Senhora D. Maria Pia, nas exequias



Conselheiro Moreira, ministro da marinha, apoiando-se á porta da igreja de S. Domingos

O amigo orgulhoso. — Este trata-nos perfeitamente. Nunca temos razão de queixa contra elle. Recebe-nos como a um irmão; offerece-nos os seus melhores charutos e apresenta nos aos seus melhores amigos. Porém...

— Ah! temos um porém?

— Porém faz tudo isto por vaidade. Exhibe-nos, sem que se dê por semelhante coisa, como se exhibe um vitello de duas cabeças, e dirá a quem lhe der ouvidos:

— Sou tão amigo d'este rapaz! E'me tão dedicado, que posso fazer d'elle tudo o que quizer... como é agradável inspirar uma sympathia assim!

Passemos ao

Áo amigo dos nossos paes. — A culpa dos paes recae sobre os filhos.

— Em amizade?
— Em amizade principal-
mente.

O pae do leitor teve um amigo que o conheceu pequenito: faz se seu amigo e aproveita esta posição para tratá-lo toda a vida como a um fedelho.

Aquelle homem viu-o tão pequenino, nunca o olhará de outro modo. Chamar-lhe-ha seu *jocén amigo* e quererá impôr-lhe a sua pretendida experiencia, que é apenas o juizo de um velho que ha meio seculo se esqueceu dos vinte annos. Obrigal-o-ha a andar com camisola de flanela, a tomar mesinhices e talvez a casar.

Não se deve recusar cousa alguma a um antigo amigo de familia. Depois de ter massado o pae, reclama o direito de massar tambem o filho.

O amigo disfructador. — Todos os amigos são disfructadores. Quando por acaso um amigo disfructa outro, é porque ambos se disfructam mutuamente.

O amigo franco. — Este senhor nunca descobre uma coisa agradável para nós dizer. Sob o pretexto da franqueza, insulta nos. Demonstra-nos que somos tolos, que não temos coração; enfim, faz-nos comprehender que não passamos de uns ninguens, sem que nos assiata o direito de lhe pedir contas dos seus insultos, porque é nosso amigo.

— Mas dir-me-ha alguém, não acredita na amizade sincera e leal? Lá isso acredito, visto não ter motivo de duvidar da sua existencia, mas até hoje ainda a não encontrei.

Exame final. — Compreendeu as minhas theorias, mancebo?

— Perfeitamente.

— Quer que continue a prédica a respeito da amizade?

— Não basta.

— Responda me então. Que vem a ser um amigo?

— Amigo é um homem que nos faz prezar os nossos inimigos.

— Não foi mal respondido. Diga-me agora uma coisa: vae cultivar a amizade?

— Certamente.

— Visto isso, préguei no deserto?

— Ora essa! Porque uma borboleta se queimou na luz, não se deve dizer que as mais façam outro tanto. Comtudo . . .

— O que?

— No dia em que eu veja a necessidade de ter amizade a algum, em vez de um homem, buscarei . . . uma mulher.

— E' isso mesmo. Compreendeu-me.

ALBERTO WOLFF.



Assistencia às exequias. — No primeiro plano: Condessa de Alto Mearim

Politica internacional

CONTINUA o governo hespanhol a debater-se na crise, que pôde dizer-se o começou a enfraquecer desde que tomou conta da administração do paiz. A questão das jurisdicções, deante da qual preferiu cahir o ministerio Montero Rios, é o tropeço que lhe está embaraçando o caminho. Por imposição do partido dos generaes o governo do sr. Moret accitou a humilhação de consentir em entregar os delictos contra a patria e contra o exercito ao fôro militar. Mas o presidente do conselho não contou com a opposição das minorias, e com a attitudo da opinião liberal do paiz. O projecto ministerial é nem mais nem menos do que a confissão da supremacia militar, em vez da supremacia civil no estado. E o peor é que o ministerio, apenas com a excepção do ministro da guerra, é-lhe no intimo da consciencia contrario. Se o perfilha e o defende, rsgando deante dos quartéis o programma do partido liberal, é por medo do exercito, porque se não sente com forças de governar contra a vontade dos generaes. Nem tem a desculpa a convicção de que a modificação projectada ao codigo penal é indispensavel para a salvação da integridade nacional. Se



A' sahida de S. Domingos. — Officiaes de marinha



Exequias — A' sahida do templo

a tivesse, podia ser reaccionario, mas não era fraco. Ora a fraqueza é e foi sempre a peor doença que ataca os governos.

Ao menos Montero Rios não quiz transigir. Faltara-lhe, é certo, a coragem para resistir ás imposições do exercito; mas não as aceitou. Preferiu retirar-se, deixando ao seu successor a triste missão de se curvar ao jugo das espadas. E no fim de contas, com ou sem fôro militar, a questão fica no mesmo pé. Não é com codigos draconianos que se entrava os progressos do separatismo na Catalunha, mas com medidas de justiça, e com administração honesta. Se se continuar a tratar a mais importante e rica provincia da Espanha como paiz conquistado, negando-lhe todos os direitos e cerceando-lhe todas as liberdades, pôde este ou outro governo fazer votar quantos codigos quizer que o resultado ha-de ser o mesmo — o alheamento cada vez maior da Catalunha do resto da Hespanha. Se alguém ainda nutre illusões a tal respeito, cedo as perderá.

A' ultima hora parece que a crise se complica e se alarga com a sauida do ministro da fazenda por causa da reforma das pautas. E' o fim do ministerio do sr. Moret, que em breve cairá repudiado pela parte mais sã do partido liberal, a qual jámais lhe perdoará a apostasia na questão das jurisdicções.

A lucta, que ha dois annos prosegue na Hungria entre a corôa e o parlamento, chegou ao seu periodo mais agudo com a nova dissolução da camara dos deputados, que acaba de se realizar com grande aparato bellico em Budapest. O governo não teve a coragem de comparecer perante os deputados, e foi um commissario extraordinario especial, o general Nyiri, que foi encarregado pelo soberano de lêr o decreto de dissolução ás bancadas vacias da camara, visto todos os representantes da nação se haverem ausen-



Exequias — Assistencia

tado para não assistirem á proclamação inconstitucional do encerramento da camara por quem em face da constituição não tinha direito para o fazer. A tropa commandada pelo coronel Fabrici entrou na sala, occupou o edificio *manu militari*, e ao retirar-se sellou as portas do edificio, deixando as entradas guardadas por sentinellas. O decreto para as eleições da nova camara ainda não appareceu nem se sabe mesmo quando apparecerá.

Pôde imaginar-se a impressão que o acto brutal da corôa deve ter produzido n'um povo tão brioso e tão cioso da sua liberdade como o hungaro. Os chefes mais prestigiosos da opposição, como os condes Andrassy e Apponyi, appareceram em publico á frente de procissões de protesto empunhando bandeiras negras, symbolo da morte da liberdade no reino de Santo Estevam. Francisco Kossuth, chefe do partido da independencia, proclamou caduco o compromisso de 1867. E a agitação em todo o paiz assumiu taes proporções, que é para recear qualquer movimento revolucionario. Todos, mesmo os antigos defensores da corôa, como o conde de Tisza, se mostram indignados com o acto de Francisco José. De mais a situação, de que é responsavel directo o imperador, não tem sahida. Ou a corôa não convoca novo parlamento e se lança sem rebuço no absolutismo, tentando governar o paiz com o apoio do exercito, ou manda proceder a novas eleições. No primeiro caso não soffre a minima duvida de que a actual opposição voltará toda á camara ainda reforçada com novos elementos de protesto, e então o imperador ou terá de capitular, perdendo de todo o prestigio e a auctoridade, ou será forçado a abdicar, se não quizer sujeitar-se pessoalmente á humilhação. Em qualquer das hypo-



Exequias — Sahida pela sachristia

theses não sómente perderá a corôa mas terá promovido de modo irremediavel a separação da Hungria, o que equivale a dizer, o fim do imperio austro-hungaro como grande potencia.

Não é difficil de tirar este horoscopo, dados os actuaes elementos que no reino hungaro se digladiam. A victoria definitiva ha de pertencer á nação e parece impossivel que em Vienna e na Hofburg estejam de tal maneira cegos, que possam illudir-se a este respeito. A Europa vae assistir a um grande drama, de desfecho identico ao drama scandinavo, mas de peripecias mais dolorosas e de consequencias bem mais transcendentes. Para todos se desenha nitidamente a catastrophe, menos para os que maior interesse tinham em conjural a. *Quos Jupiter vult perdere...*

Que ha afinal a respeito da conferencia de Algeciras? Dissolve-se ou não se dissolve sem nada resolver? Chega-se ou não se chega a um accordo com respeito á questão da policia e á do banco do Estado? São estas as perguntas que de todos os lados se cruzam, sem se atinar com uma resposta certa que satisfaça a anciedade geral. A nossa convicção é que a conferencia fracassará por causa da Allemanha. Foi o Kaiser, não ha duvida, quem suggeriu ao sultão a ideia da conferencia. Foi elle quem obrigou a França, quasi sob uma ameaça de guerra, a aceitar a. Mas fez tudo isto quando imaginou que a França estava em minoria na reunião dos plenipo-

tenciarios. Logo que viu, porém, que não só a republica franceza não estava desacompanhada, mas que era a Alemanha que se achava só, vendo-se abandonada até da propria Italia, com a qual julgava poder contar incondicionalmente, Guilherme II só teve um pensamento — o de fazer abortar a conferencia, que se não presrava a sancioner lhe os planos. E' por este motivo que a confetencia de Algeciras vae dissolver-se.

A imprensa europela e americana é unanime em attribuir ao Kaiser a responsabilidade da situação que vae seguir-se. O que acontecerá? Desde já é a volta pura e simples ao *statu quo ante*. Não é a guerra decerto, pelo menos por agora; mas não é a Alemanha que se deverá a paz não ser perturbada. Dever-se-ha isso por um lado á moderação da França, e pelo outro á attitude decisiva da Inglaterra de se collocar ao lado da republica franceza em todas as contingencias. Agora mesmo está annunciada uma conferencia entre Eduardo VII e o presidente Fallières, e em Berlim devem muito bem saber para quê.

Não ha duvida que, se a Inglaterra não estivesse ao lado da França n'esta questão, já a guerra estaria declarada entre esta ultima nação e a Alemanha. O que contém Guilherme II é o receio da Inglaterra, porque elle sabe bem que, mesmo na hypothese de uma grande victoria sobre o exercito francez, a sua esquadra ficaria aniquilada n'um momento pelos couraçados de Eduardo VII. E como consequencia do aniquilamento da esquadra allemã, seguir-se-hia a perda de todas as colonias germanicas e a destruição do commercio e da marinha do imperio em todos os mares. Quer dizer, esvaír-se-hia como fumo o sonho megalomano de Guilherme II que nunca poderia encontrar n'uma victoria sobre a França, por mais completa que ella fosse, compensação para tão grande perda.

Aqui está o motivo, porque no momento actual não haverá guerra. E' a Inglaterra que está prestando á civilização e á humanidade este grande serviço. Póde a imprensa officiosa allemã querer attribuir o aos sentimentos pacificos do Kaiser. Os factos fallam mais alto do que todas as declarações d'esta imprensa.

Quem está bem justificada é a politica do sr. Delcassé. O seu triumpho é tão completo quanto o proprio auctor podia desejar o. Disse o sr. Delcassé que era um erro a França ir á conferencia de Algeciras, e o que n'esta reunião se passou e o modo como ella vae acabar provam bem que o foi.

As alianças ou as amizades que o sr. Delcassé ganhou para a França — a da Inglaterra e a da Italia — são as que lhe valem agora n'esta hora critica. Além d'isso a França deve estar hoje convencida do erro que praticou, sacrificando o seu ministro dos negocios estrangeiros aos rancores da Alemanha. Affirmava-se que era a presença do sr. Delcassé no governo, que se oppunha á approximação das duas nações. Hoje vê-se que não era assim, por que o sr. Delcassé sahio do ministerio e a Alemanha em vez de se conciliar com a republica redobrou de exigencias e impoz novas humilhações. Tambem ficou demonstrado que a Alemanha não teria declarado a guerra á França, ainda que o sr. Delcassé tivesse continuado a ser ministro, pela mesma razão porque a não declarará hoje apesar do fracasso da conferencia de Algeciras. Era então similhante ameaça um *bluff* e nada mais.

Quem em toda esta questão fez uma triste figura é o sr. Rouvier. A' medida que se faz justiça á obra do seu antecessor, apparece cada vez mais ridicula a pretensão do actual presidente do conselho francez de ter salvado a Europa de uma guerra tremenda.

CONSIGLIERI PEDROSO.

A questão da sogra

A pesar de muitas e vivas instancias de sua mulher, tem o sr. Duflot resistido corajosamente á introdução de sua sogra em casa. Para o obrigar a ceder, a mulher atormentou com mil perseguições; hoje, dia de lavadeira, até lhe foram estender a roupa no escriptorio. Longe de se queixar, Duflot, depois de ter jantado mal, sentou-se deante do fogão, e está a revolver as brazas sem dizer palavra.

A mulher (*irritada com este silencio*). — Ha tanto tempo já que o meu genio mau fez de mim sua mulher que já devia estar habituada á sua mania de engulir as palavras depois de as ter mastigado por muito tempo; outro qualquer explicava-se francamente, se tivesse de que se queixar.

Elle. — Mas eu não tenho de que me queixar.

Ella. — Era o que faltava! Sempre quero que me diga porque é que havia de se queixar. Não foi de certo porque eu, como boa dona de casa, mandei fazer hoje uma pequena lavagem de roupa... Vamos: responda.

Elle. — Não foi lavagem. Foi um aguaceiro. Parecia um diluvio.

Ella. — O senhor até se devia envergonhar de falar no diluvio com essa ligeireza! Mas o senhor não admite nada... nem o aceso sequer. O seu desejo era ver andar as creanças por ahí sujas, cobertas de immundicie. Em vez de uma mulher bem governada, o que o senhor queria era uma *coquette*. A lavagem passava a ser um accessorio... Rapavam-se as creanças da porcaria de tres em tres mezes.

Elle. — Que exaggeração!

Ella. — Então porque é que se havia de queixar? Por eu ser arranjada? Dê-me dinheiro para duplicar a roupa, e já eu ensabão todos os mezes, em vez de ensaboar todas as quinzenas.

Elle. — Quinzenas! São quinzenas de dez dias.

Ella. — Então julga que tenho uma duzia de braços para fazer



Exequias. — A' entrada de S. Domingos — Alumnos das officinas de S. José

o que tenho a fazer?... Ah! tudo andaria ahí n'um corropio, se tivesse minha mãe para me ajudar. Aquillo é que é trabalhadeira!

Elle (*fazendo ouvidos de mercador*). — Ha um meio muito mais simples, e sobretudo mais economico... mandar lavar a roupa fóra de casa.

Ella (*nervosa*). — Economia! foi de certo no seu grémio, d'onde só vem para casa a deshoras, que aprendeu essas economias? Economia! se o senhor não estivesse disposto a debicar com tudo quanto eu faço, perceberia perfeitamente, pelo contrario, que ha dezeseis annos lhe estou poupando mais de tres francos por dia.

Elle. — Quer isso dizer que os taes tres francos não compensam a massada que dão.

Ella. — Pois não! faça-se desdenhoso, o senhor que não é capaz de dar a sua mulher dez francos a mais sobre o seu orçamento... Estimo que nunca venha a ter precisão de tres francos! Sim senhor, tenho-lhe poupado tres francos por dia ha mais de dezeseis annos o que dá ao todo 18.000 francos, quer dizer o capital de um rendimento de 900. Cinco vezes mais do que o que seria necessario para pagar a despeza a fazer com minha mãe, coitadinha, que de mais a mais come tão pouco! Já meu pobre pae lhe chamava — "o seu passarinho" — e por muitas vezes juquei que ella se levantava de noite para ir comer á cosinha... Hoje a idade ainda mais diminuiu o seu appetite de arvéloa.

Elle. — Pois, filha, é mil vezes melhor deixar a pobre senhora onde está do que trazel a para casa, e dar-lhe depois o jantar dos dias de lavagens. como hoje por exemplo: chouriços e queijo de Gruyère.

Ella. — Eu e a creada não podemos estar ao mesmo tempo nos alguidares e na fornalha. O senhor imagina que as lavadeiras teem tempo de comer o seu jantar quentinho e de se regalar com per-dizes?

Elle. — Mas eu não sou lavadeira.

Ella (*prosequindo na sua idéa*). — Ao passo que, se a mamã aqui estivesse, enquanto eu cuidava dos ensaboados, fazia-nos ella uns pratinhos.

D. Guilhermina da Silva Graça



† em 23 2-906

Mais um tumulto que se fechou...
 () "Brasil Portugal", depõe respeitosamente uma saudade no caixão da pobre menina tão graciosa, tão inteligente, tão simples e tão boa.

Elle. — Não vale a pena fatigal-a estando ella velha como está. Tenho um projecto para os dias de lavagem.

Ella. — Qual?

Elle. — Vou jantar ao gremio, e, como a lavagem dura dez dias, tomo uma assignatura.

Ella. — Uma assignatura?

Elle. — Fazem abatimento. Tambem quero fazer economias.

Ella. (dando outro rumo á conversação). — Não! não farás semelhante coisa.

Elle. — Olé se faça!

Ella. — Não quero que sejas algoz de tí mesmo! o que tu precisas é de uma vida socegada, e da comida caseira; as iguarias apimentadas e as commoções do gremio matam-te; e pelo que me disse no outro dia o medico...

Elle. — O medico?

Ella. — Sim! lá estás tu a tossir.

Elle. — Podéra! Pois eu não me havia de constipar n'uma casa humida, cheia de agua de sabão e de roupa a seccar... Lençoes no meu escriptorio!

Ella. (meiga) — Imaginas que isso é de hoje, meu pobre amigo; mas ha muito tempo que, á noite, quando tu dormes, sem dares por tal, tosses tanto que penso no que o medico...

Elle. — Mas o que foi que te disse o medico?

Ella. — Ah! meu queridinho, precisas de tratamento... até por minha causa... O que seria de mim, se tu me faltasses... É tu não és forte.

Elle. — Ora essa! levanto sessenta arrateis com o braço estendido.

Ella. — Isso imaginas tu!

Elle. — O que! imagino eu!

Ella. — Imaginas que é força? Nervos, meu amigo: nervos e nada mais.

Elle. (assustado). — Mas emfim o que foi que te disse o medico?

Ella. — Não me disse nada, nem foi necessario, eu advinhei tudo logo que elle me disse: Duffot do que precisa é de uma vida socegada; trate o bem, e, se fosses duaz a tratá-lo, olhe que não seria pior. Foi então que me lembrei de que... se a mamã quizesse...

Elle. — O teu medico é um asno; nunca passei tão bem, e não preciso para nada d'esses desvelos.

Ella então, vendo que nada pode conseguir com o receio, decide-se a chamar em seu auxilio todos os peccados mortaes. Principia pela soberba.

— Sim, um homem imagina que é sempre robusto, e de repente... sobretudo quem teve uma mocidade tempestuosa, (carinhosa) porque o senhor, ao que parece, no seu tempo foi um maganão.

Elle (com um sorriso de fatuidade) — Qual historia!

Ella — Eu não te peço que te confesses; só tens que me dar contas desde que principiou a nossa união; mas muitas vezes a mamã me disse o que tu eras aos vinte annos: um bello rapaz, alto, mereno, cabelo magnifico, perna muito bem feita, bonitas mãos...

Elle — A minha cintura cabia-te nas mãos

Ella — E os teus triumphos com as mulheres! O que ella me contou!

Elle — Sim? E eu que a imaginava de uma moral severa.

Ella — A mamã? como a gente se engana com as pessoas! Foi ella que me disse: "Os que andaram na vida airada são os meliores maridos. Escolhe este. O coração não está estragado, e é a honra personalisada... De todos os teus pretendentes é o unico que te póde fazer feliz."

Elle — Foi tua mãe que me deu a preferencia! E' verdade que eu merecia-a.

Ella — E sabes como ella sempre se orgulhou de tí, não é verdade?

Elle — Nunca dei por isso.

Ella — Basta vêr como se endireita quando tu lhe dás o braço! E os elogios que ella te faz! se fosses dez vezes seu filho, não se mostraria mais ufana... sempre á espreita para metter um louvorsinho nas palavras. (Evocando a preguiça). Que genio tão bom que ella tem! E' um setim! não ha nada que a faça zangar... Bom! lá está outra vez a tua constipação, meu querido anjo. Como tu tosses... Ella é que saberia amimar-te! Lembra-te d'aquelle arroz doce que comeste na quinta feira á noite quando vieste para casa. Foi idéa d'ella, e foi ella que o fez.

"Está frio, disse-me ella, Duffot ha-de precisar de alguma coisa quente para se metter na cama." Eu lembrára-me simplesmente de uma botija de agua quente para os pés. Foi ella pelo contrario, que se lembrou logo do arroz doce... E se tu soubesses a bulha que ella fez porque os teus chinellos não estavam ao pé do lume! Ah! se a tivesses aqui, como ella cuidaria das creanças, que me tomam todo o tempo... Assim podia eu occupar-me da correspondencia que tanto te enfastia e alliviar-te d'essas mil minuciosidades de negocios, que te obsorvem a ponto de que mal encontras uma hora para ires descançar ao teu gremio. Ah! é que tu podes mandar á vontade.

Elle. — E olha que é bem verdade! Não tenho tempo de descançar.

Ella. — Tinhas as noites livres, porque já eu não estava só em casa, minha mãe fazia-me companhia, e podia seroar á tua espera.

Elle. — Tua mãe não tem idade para longos serões.

Ella. — Dava-se-te uma chave de trinco.

Elle. — (á parte). — Oh!

Ella. — Sim! podias-te fartar de mandria! (Apellando levemente para a luxuria). — Olha! eu até havia de ter tempo e direito de descançar um pedaço, porque a casa lá se governava. Não só a mamã vigiava, mas, para a ajudarem, trazia consigo as duas creadas novas que são bem bonitas.

Elle. — Sim! o Dueoudray parece que lhes arrasta a aza (Fingindo-se horrosidado). — Parece impossivel! um homem casado!

Ella. — Bem sei! a mamã fingiu que fechava os olhos, e foi a primeira a rir-se... tem uma moral do antigo regimen, diz que se deve largar um pouco a redea aos maridos, e que sempre se tem a certeza de que elles voltam, principalmente depois de terem lidado com estas raparigotas. Não ha como a fructa verde, diz ella, para que melhor se aprecie e a fructa boa.

Elle. — Pois ella disse isso?

Manuel Maria Portella



† em Setubal, em 28-1-906

Morreu o velho poeta Portella que deixou um nome respeitado nas letras portuguezas. Admirador entusiastico de Bocage, muito concorreu para o brilhantismo do centenário de Elmano.

Paz ao illustre vate que foi uma alma de eleição e um caracter, e cuja morte deixa em luto a cidade de Setubal, que se orgulhava de o contar no numero dos seus filhos.

Ella. — Se a mamã aqui estivesse, pedia-lhe que t'o repetisse. (*Apellando para a injeja*). Com as duas creadas — que a mamã pagava é claro, tinhamos casa posta, como o nosso cunhado Francisco.

Ella. — Quem? Francisco? Chamas tu áquillo casa posta? Porque dizes tu isso?

Ella. — Tem quatro creadas!

Ella. — Por aquelle preço todos podem ter creadas... Não lhes paga. São uns parentes do campo que levou para casa, e que fazem o serviço todo pelo sustento.

Ella. — Pois sim, mas tem carruagem... e não é nenhuma carruagem do campo que elle mettesse em casa... O estardalhaço que elle faz com a tal carruagem.

Ella. — Chama lhe antes "carroça".

Ella. — É evidente que se a mamã vivesse comnosco, com o que ella tem e com o que nós temos, podiamos pôr carruagem!

Ella. — Sim e até de dois cavallos, para metter ferro ao Francisco que tem só um e tão pequeno, que de longe parece um burro.

Ella (evocando a gula). — E tambem nos não esmagava com os seus jantares e o seu cosinheiro phenomenal. A mamã mette tudo isso pelo chão abaixo! Aquillo é que é um talento em cosinha! Eu já quiz lutar, mas fui logo batida.

Ella (maravilhado). — Sorriamente?

Ella. — Como t'o estou a dizer. Com um nada faz pratos deliciosos, e nunca se atrapalha... Parece-me que se a fechassem á chave dentro da gaveta de uma commoda... saia de lá com um jantar para dezoito pessoas. Está a inventar todos os dias. Por exemplo: sabes o que são cebolas?

Ella. — Já se vê que sei.

Ella. — Em a mamã fazendo cebolas de fricassé, não sei o que ella lhes mette nem o que lhes faz: o que sei é que todos imaginam que estão a comer tubaras.

Ella (seduzido). — Não pôde ser.

Ella. — Juro te. Cem vezes o papá se enganou. Ella dizia lhe que advinhasse, com os olhos fechados, quaes eram as tubaras verjadeiras: o papá ia sempre para as cebolas... Uma vez tinhamos Robert Houdin a jantar. Pois minha mãe impingiu-lhe lebre por arrais. E olha que esse não se enganava assim. E dedo para pasteis! Houve um principe russo que lhe chegou a offerecer vinte mil francos por uma receita, e ella não lh'a deu. A mamã sabe fazer os misteres mais humildes.

Ella (com receio). — Lavar a roupa talvez?

Ella (evitando a cilada). — Qual! Como tem casa de campo, manda-se para lá a roupa, e a jardineira lá se en'arrega de tudo. O que ella faz por suas mãos é arranjar a roupa branca, e arremendar as creanças. Não fica um ponto para dar... (*Entrando na avarca*). Ella quer que se gastem as coisas até á ultima, não por sovinice. Gasta perfeitamente o que tem, uns cobres menos maus, que o Francisco namora com toda a força.

Ella. O quê! o teu cunhado procurará covardemente despojar-nos do nosso quinhão na herança?

Ella. — Não affirmo. Não se pode, porém, deixar de suppôr quando se vêem os esforços que elle faz para que a mamã vá morar com elle. E afinal de contas elle tambem é seu genro. Bem sei que a tí é que ella prefere e que não é capaz de nos privar de um soldo só que seja de que nos couber na herança, mas tambem ha-de achar justo ir dando em vida alguma coisa a quem a trata com toda a attenção. (*Apellando para o ultimo peccado mortal — a ira*). E o que está dado está dado. Antes Francisco o aproveite...

Ella (descontente). — Parece que tomas o partido de teu cunhado. O que eu acho extraordinário é que tua mãe, que precisa de descanso e tranquillidade, vá exactamente escolher entre os seus genros o que mora por cima de um caldeireiro.

Ella. — Vai para casa dos que a recebem bem.

Ella (seccamente). — Parece-me que ella cá nunca foi recebida á bordoadá.

Ella. — Não, mas sempre mostraste uma certa frieza.

Ella (irritado). — Ella em primeiro logar nunca me pediu para vir morar comnosco.

Ella. — O orgulho da mamã não lhe permittia expôr-se a uma recusa.

Ella. — Pedias tu; vinha a dar na mesma.

Ella. — Isso é que não; nunca pedi.

Ella (furioso). — Eu é que não posso consentir que esse miseravel lance o gadanho a uma pobre senhora para a arruinar e para a torturar. Ainda que não seja senão para mallograr os planos de um intrigante, faço empenho em que venha para cá.

Ella (regateando). — Se ella consentir, ainda assim; não querias de certo trazel-a para cá arrastada.

Ella. — E porque não, se t'ôr necessario fazel a feliz contra sua vontade? E enfim tu é que a has de decidir, e fazer-lhe perceber que na sua idade precisa de se ver rodeiada dos desvelos dos que a amam sinceramente... sinceramente, entendes? Carrega na palavra.

Ella (seccamente). — Não.

Ella (irritado). — Não, porque?

Ella. — Porque não quero... Bem conheço a mamã. É capaz de recusar. Encarrega-te tu d'essa massada.

Ella. — Massada! Ouviria eu bem? Pois dizes-te filha dedicada, e quando se trata de arrancar a tua boa mãe do isolamento em que a tens deixado viver como uma pestifera; quando se trata de salvar a das mãos de um cavalheiro de industria que está tramando a desgraça d'uma excellente creatura; quando se trata de rodeiar de piedosos desvelos a velhice da melhor das mulheres, chamas a isso massada! Has de ir amanhã lançar-te a seus pés, para lhe supplicar de mãos postas que venha para debaixo das nossas telhas.

Ella. — Não vou.

Ella. — (*furibundo*) — Ordeno-te, entendes? Ordeno-te.

Ella. — Socego, peço-te.

Ella. — Ordeno-lh'o, minha senhora, ordeno-lh'o... ou, por interesse dos nossos filhos, uma reparação immediata castigará aquella, que, não tendo sabido ser boa filha, nunca poderá ser boa mãe.

Ella. — Já que assim o exiges, vou. Empregarei todos os meus esforços, mas não respondo por coisa alguma.

Ella. — Treme, se o não concegues.

EPILOGO

Caido assim na ratoeira, seis horas depois a sógra mettia-se-lhe em casa.

Duflot, ou por temer que a sua felicidade acabasse depressa, ou para saber se teria que aturar o seu mal por muito tempo, logo no dia seguinte dirigiu a sua sogra esta pergunta ambigua:

— Na sua terra vive muito tempo?

EUGENIO CHEVELTE.

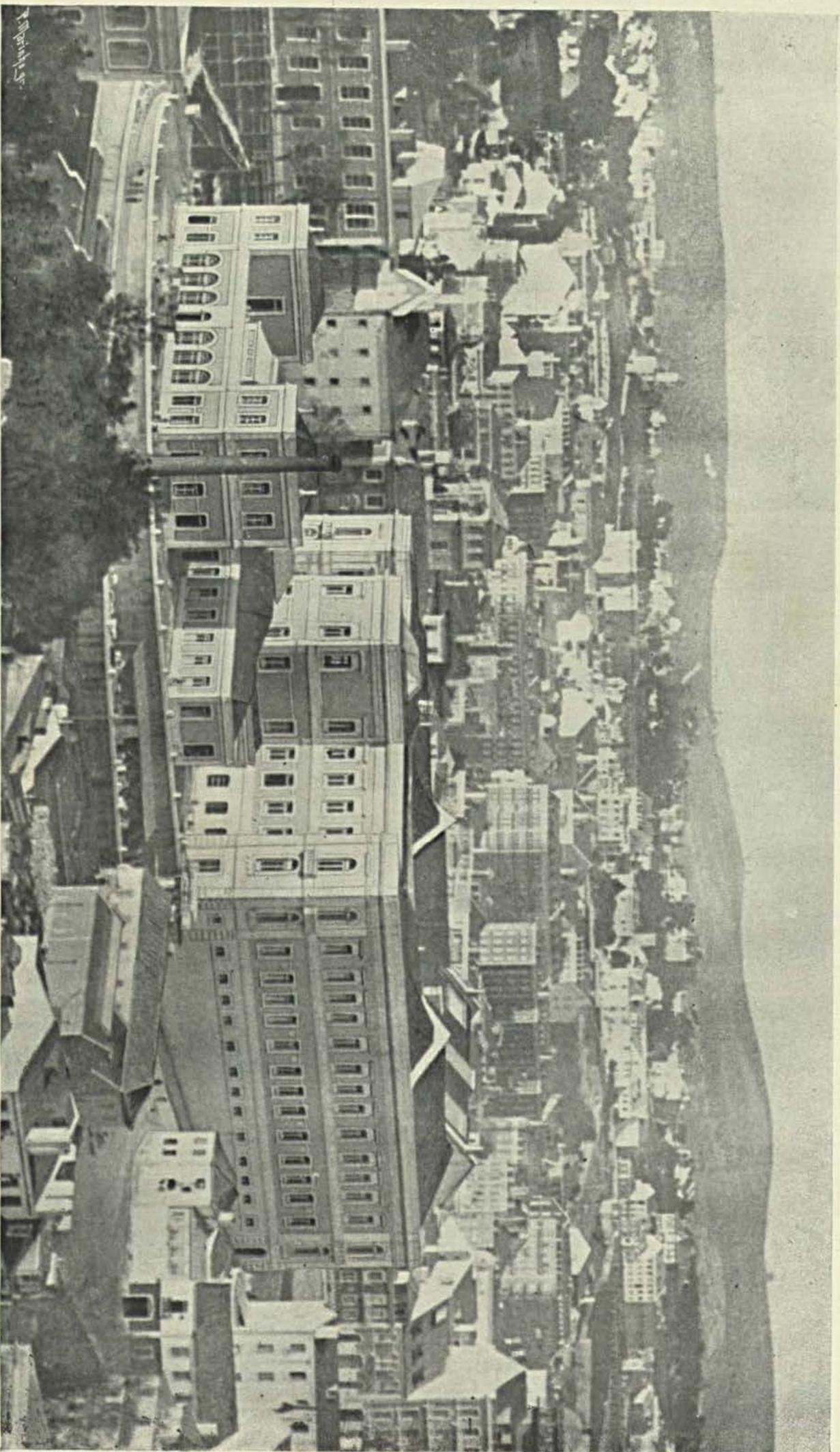
⇨ CONGRESSO DE MEDICINA ⇨



Trabalhos preparatorios do Congresso de Medicina

Da esquerda para a direita: — Dr. Arthur Furtado — dr. Mendes Cid — dr. Miguel Bombarda, secretario geral do Congresso

Congresso de Medicina



Vista geral da Nova Escola Médica de Lisboa

Ermida de Nossa Senhora do Monte S. Gens

Esta ermida foi fundada logo depois de Lisboa ser resgatada do poder dos mouros em 1147.

Na armada christã que aportou ao Tejo n'aquelle anno e que ajudou D. Affonso Henriques na grande empreza a tomar aos mouros a cidade vieram quatro eremitas de Santo Agostinho. O povo christão que mesmo no tempo dos mouros existia, querendo perpetuar a memoria dos feitos de que resultou a fundação da monarchia portugueza, offereceu áquelles eremitas um sitio na raiz do monte onde existia em muita adoração, sob um alpendre, a cadeira de S. Gens, primeiro bispo de Lisboa, que no anno 66 de Jesus Christo, a 11 de outubro, tinha sido martyrisado. Os eremitas, em attenção ás virtudes d'esse grande martyr, e secundando os desejos dos moradores d'aquellas visinhanças, estabeleceram, com o auxilio que lhes ministraram, a sua primeira habitação — 1148, n'uma pequena ermida, onde collocaram como padroeira do reino, uma perfeita imagem de Nossa Senhora, e dentro d'essa ermida collocaram a cadeira de S. Gens. A ermida estava sempre aberta por causa da grande concorrência de devotos, que buscavam a virtude da cadeira de S. Gens para que os livrasse de enfermidades. A esta ermida, a primeira que se erigiu no Monte de Lisboa, chamou-se Eremiterio de S. Gens, e assim se conservou até principios do seculo XIII. No anno de 1243 uma senhora, chamada D. Suzana, proprietaria d'aquellas visinhanças fez doação aos frades de S. Gens de todas as terras que possuia no alto do Monte para irem lá habitar e com a concorrência de avultadas esmolos foi construida n'aquelle ponto uma outra ermida para onde se passaram todas as imagens, reliquias e a cadeira de S. Gens, augmentando annualmente a concorrência de devotos. Pouco a pouco o nome de Eremiterio de S. Gens foi se transformando no de Ermida da Senhora do Monte.

Os religiosos que se mudaram para esta Ermida tambem removeram a pyramide que tinham feito levantar na raiz do Monte e que ainda hoje existe na frente do alpendre, como na nossa photogravura se representa, com a seguinte inscripção: — Uliisipone hic, Augustinensium prima sedes A. R. anno 1148.

Em 1271 estes religiosos foram construir a sua terceira habitação n'um monte visinho e mais sbrigado a que se chamava então Almafala e hoje é o quartel e igreja da Graça. Vem-lhe este titulo do anno de 1362 quando para aquelle convento foi transportada pelos pescadores de Cascaes uma imagem de Nossa Senhora da Graça.

Por occasião do terramoto de 1755 foi a ermida do Monte completamente arrazada, fallecendo debaixo das suas ruinas o eremita da ordem, que tinha n'aquelle instante acabado de commungar, e depois foi encontrado

de joelhos com os braços em cruz. Com o auxilio dos habitantes d'aquelles sitios se foi cuidando da reedificação do templo arruinado concluindo se a obra e abrindo novamente as suas portas aos devotos no anno de 1757.

No anno de 1815 foi plantada a arvore que ali se vê, e que reproduzimos na photogravura, tendo aberta do lado da porta lateral da ermida a seguinte inscripção: — Patriae aribus et urbi hoc nemus in amore delectationem Augustiniensi plantarunt anno MDCCCXV.



O Padrão da Monarchia, erigido em 1148. Tem 758 annos



Clichsé de A. Cardoso

A igreja

Até á extincção das ordens religiosas em 1843 faziam se n'esta ermida festividades a S. Gens e a Nossa Senhora, havendo por essa occasião tres dias de feira.

Quando o governo poz em praça os bens dos religiosos, em 1835, foi a ermida comprada, bem como as propriedades, aos frades d'aquelles sitios por Clemente José Monteiro, marido de D. Henriqueta Amelia de Mendonça Monteiro tia do nosso collega Hygino Mendonça que agora na antiga cerca fez construir um bairro que constitue um grande melhoramento da cidade.

A ermida passou mais tarde a sua administração para uma irmandade, que ainda hoje cuida d'ella com uma dedicação verdadeiramente extraordinaria, luctando com enorme falta de socorros para se manter o culto, com a per-

manência de missa dominical. Por decreto de 14 e carta regia de 20 de fevereiro de 1903 foi concedido a esta ermida o titulo de *Real Ermida de S. Gens*.

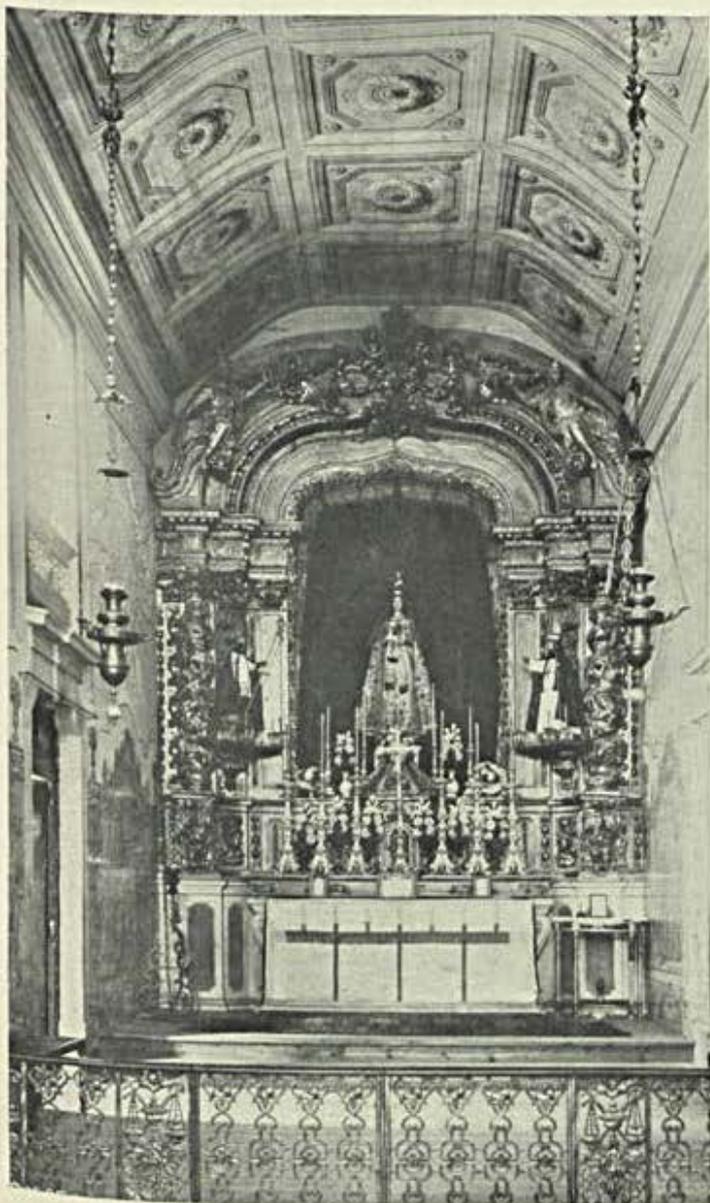
Como se vê pelos apontamentos historicos que acabamos de indicar, esta Ermida de Nossa Senhora do Monte de S. Gens é um verdadeiro monumento nacional, tendo a attestal-o a pyramide, que foi erigida no anno da fundação da monarchia pelos trades que vieram na armada de D. Afonso Henriques, e pela cadeira de S. Gens que ainda hoje existe e que em epochas de grande devoção era procurada como reliquia contra enfermidades e principalmente procurada pelas mulheres em vesperas de partos.

Para se avaliar da importancia religiosa que teve esta ermida vamos transcrever um Breve de indulgencias perpetuas concedido pelo Papa Pio VI.

"Papa Pio VI para memoria futura, para augmentar a religião dos fieis, e cooperar para a salvação das almas, movidos com caridade paternal na distribuição dos celestiaes themas da Igreja.

A todos e a cada um dos fieis christãos de um e outro sexo que verdadeiramente contrictos, confessados e refeitos com a sagrada communhão visitarem a igreja de Nossa Senhora do Monte de S. Gens, bispo e martyr da cidade de Lisboa, na Dominga infra oitava do Nascimento da Virgem Immaculada e no dia do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, como tambem nos nove dias antes do Natal, em cada um anno, e ahi orarem a Deus pela paz e concordia entre os Principes christãos, extincção das heresias e augmento da Santa Madre Igreja, lucrarão indulgencia plenaria, e remissão de todos os peccados. Além d'esta a todos os fieis de um e outro sexo que, confessados e commungados como acima, visitarem a dita igreja no dia da festa de S. Gens Bispo e Martyr, desde as primeiras vesperas, como tambem em a terceira sexta feira de março, do nascimento do sol até ser posto; tanto do dia da festa como da sexta feira de cada um anno, do mesmo modo lucrarão indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados.

Nas outras sextas feiras de março, visitando a dita igreja, como acima ganham sete annos de perdão, e outras tantas quarentenas segundo o costume da Igreja. Não obstante quaesquer outros mandamentos em contrario, o que valerá para sempre. Feito em Roma,



Capella-mór de Nossa Senhora do Monte



Clichés de A. Cardoso

No alto de Nossa Senhora do Monte

em Santa Maria Maior, debaixo do anel do Pescador, aos 30 de setembro de 1796, anno 22 do nosso Pontificado. — R. Card. Braschi de Oncoti Alc. por Fr. CC. Cap. de Nossa Senhora do Monte.

Esta Ermida além de ser um verdadeiro monumento historico, está situada na parte mais pittoresca de Lisboa, sendo enthu-siasticamente admirada por todos os estrangeiros que visitam a nossa capital.

A Irmandade que tem a seu cargo o culto d'esta Ermida bem merecia, pela sua pobreza, um pequeno donativo official para se poder conservar a missa dominical.

Contrastes

No centenário da morte de Bocage

«Zollos! Tremel! Posteridade, és minha!»

Morre El Rei! pela bocca de mil sinos
Espalham-se no ar funereos dôbres;
Trôa o canhão; vestem de luto os nobres,
Hypoeritas, carpindo atros destinos.

Não soarão campanarios manuelinos
Quando, poeta, ao tumulo sossobres;
Salvas não haverá; pobre entre os pobres,
Chorar-te-hão só orvalhos crystalinos.

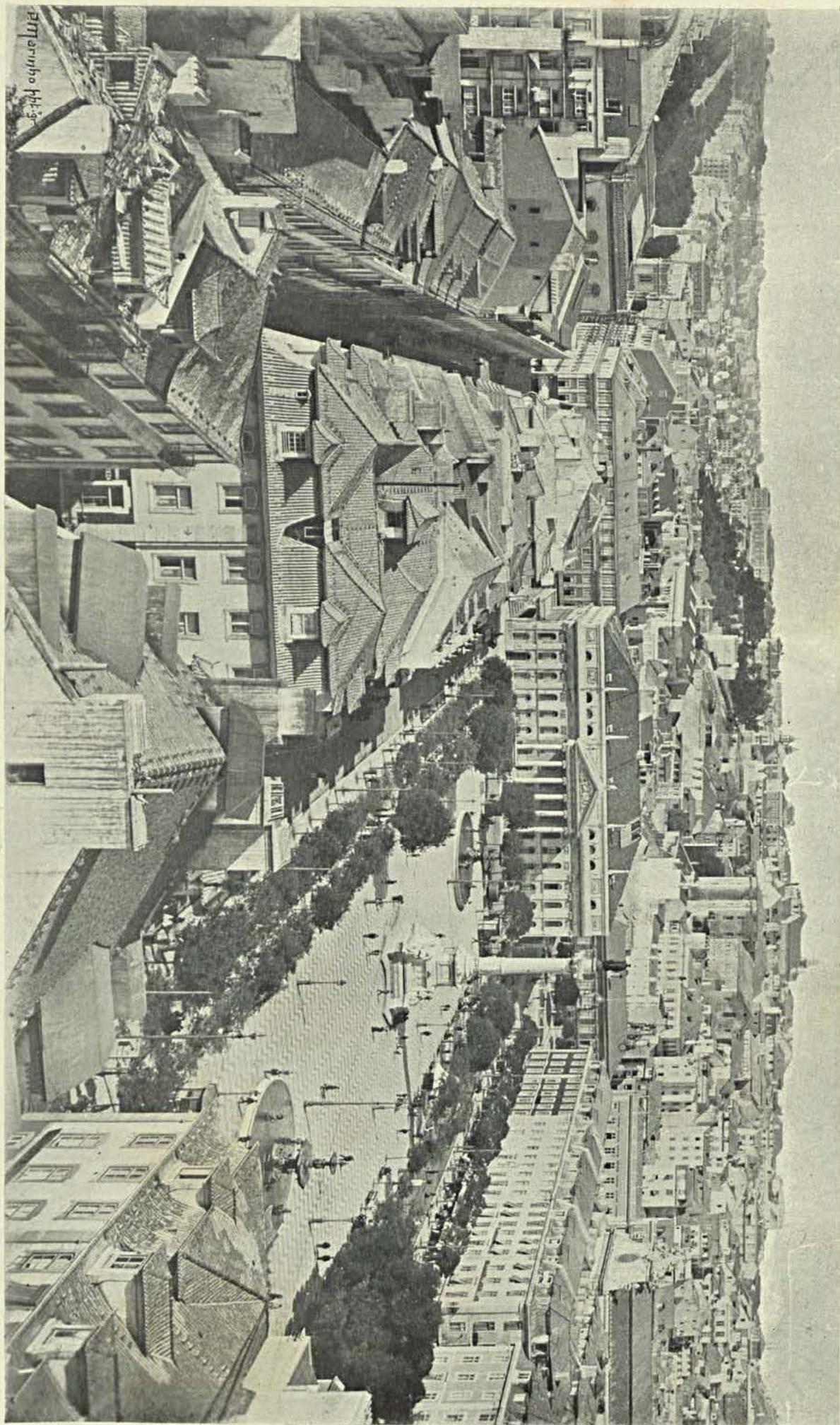
— Mas... um seculo após, o esquecimento
Campeará sobre o regio monumento
Onde o esqueleto a cinzas se reduz...

Ao passo que do poeta a gran memoria
Se destaca das paginas da historia,
Onde o Genio resplende em toda a luz!

S. Miguel — Açores.

ALICE MODERNO.

ASPECTOS DE LISBOA



A Baixa. — O Rocio. — O teatro de D. Maria II